

JEFF ZENTNER

JUNTOS  
SOMOS  
ETERNOS

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Jeff Zentner

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Serpent King

CAPA Nik Neves

PREPARAÇÃO Luisa Tieppo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zentner, Jeff

Juntos somos eternos / Jeff Zentner ; tradução Guilherme  
Miranda. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: The Serpent King.

ISBN 978-85-5534-076-5

1. Ficção juvenil I. Título.

18-19181

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Ioanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

*Para Tennessee Luke Zentner, meu menino lindo.  
Meu coração.*

# 1

## Dill

Havia coisas que Dillard Wayne Early Jr. temia mais do que a volta às aulas no colégio Forrestville. Não muitas, claro, mas algumas. Pensar no futuro era uma delas. Dill preferia não fazer muito isso. Também não fazia questão de conversar sobre religião com a mãe. Esse assunto nunca o deixava feliz, nem fazia com que se sentisse a salvo. E odiava a expressão de reconhecimento das pessoas quando descobriam seu nome. Raramente resultava numa conversa agradável.

E ele *odiava* visitar o pai, o pastor Dillard Early, na prisão Riverbend. Mesmo que a viagem para Nashville daquela manhã não fosse para encontrá-lo, Dill sentia um medo estranho e incômodo e não sabia direito o motivo. Podia ser porque as aulas começariam no dia seguinte, mas, de alguma forma, parecia diferente dos outros anos.

Teria sido pior se não fosse pela empolgação para ver Lydia. Os piores dias que passavam juntos ainda eram melhores do que os melhores dias sem ela.

Dill parou de dedilhar o violão, se inclinou e escreveu no caderno de composições da loja de um e noventa e nove aberto no chão à frente dele. O ar-condicionado caindo aos pedaços chiou na janela, perdendo a luta contra o calor abafado da sala.

Apesar do barulho, as batidas de uma vespa no vidro chamaram sua atenção. Ele se levantou do sofá rasgado, foi até a janela e a puxou com força até se abrir com um rangido.

Dill espantou a vespa na direção da fresta.

— Ei, você não quer ficar aqui — ele murmurou. — Esta casa não é lugar pra morrer. Vai. Pode ir embora.

Ela pousou no batente, como se estivesse considerando continuar dentro de casa, mas voou para fora. Dill quase teve de se pendurar para fechar totalmente a janela de novo.

Sua mãe chegou, vestindo o uniforme de camareira. Ela estava com uma expressão cansada. Sempre estava, o que fazia com que parecesse ser muito mais velha do que seus trinta e cinco anos.

— O que você estava fazendo com a janela aberta e o ar ligado ao mesmo tempo? A eletricidade não é de graça.

Dill se virou.

— Vespa.

— Por que está arrumado pra sair? Aonde você vai?

— Nashville. — *Por favor, não faz a pergunta que sei que você vai fazer.*

— Vai visitar seu pai? — A voz dela era ao mesmo tempo esperançosa e acusadora.

— Não. — Dill desviou o olhar.

Sua mãe deu um passo na direção dele e o encarou.

— Por que não?

Dill evitou encará-la.

— Porque não. Não é pra isso que a gente vai.

— A gente quem?

— Eu. A Lydia. O Travis. O pessoal de sempre.

Ela apoiou uma das mãos na cintura.

— Para que vocês estão indo pra lá, então?

— A gente vai comprar roupas pra usar na escola.

— Suas roupas estão boas.

— Não estão, não. Estão ficando pequenas demais em mim. — Dill levantou os braços finos, a camiseta subiu, revelando a barriga magra.

— Com que dinheiro? — A mãe franziu a testa, que já era mais enrugada do que a da maioria das mulheres da sua idade.

— Com o que ganhei ajudando as pessoas a carregar as compras até o carro.

— Já que você vai ter uma viagem de graça pra Nashville, deveria aproveitar e visitar seu pai.

*“Acho bom você visitar seu pai, senão...”*, é o que você quer dizer.

Dill cerrou os dentes e olhou para ela.

— Não quero. Odeio ir naquele lugar.

Ela cruzou os braços.

— Não é pra ser legal. É por isso que é uma prisão. Você acha que ele gosta de lá?

*Provavelmente mais do que eu.* Dill deu de ombros e olhou para a janela.

— Duvido.

— Não estou pedindo muito, Dillard. Me deixaria feliz. E deixaria seu pai feliz.

Dill suspirou e não disse nada. *Você pede muita coisa sem realmente pedir.*

— Você deve isso pra ele. Você é o único com tempo livre aqui em casa.

Ela jogaria aquilo na cara dele. Se ele não visitasse o pai, sua mãe faria aquilo doer mais do que ir até a prisão. O frio na barriga de Dill aumentou.

— Talvez. Se sobrar tempo.

Quando sua mãe estava prestes a arrancar uma promessa dele, um Toyota Prius cheio de adesivos entrou na rua e parou cantando pneu na frente da casa de Dill com uma buzinada. *Obrigado, Deus.*

— Preciso ir — Dill disse. — Bom dia e bom trabalho. — Ele deu um abraço de despedida na mãe.

— Dillard...

Mas ele já estava fora antes que ela tivesse a chance de continuar. Ao sair para aquela manhã de verão, o garoto se sentiu intimidado pela luz do sol e protegeu os olhos. A umidade já estava assustadoramente intensa, mesmo às nove e vinte da manhã — como uma toalha quente e úmida grudando em seu rosto. Ele olhou para a Igreja Batista do Calvário com a tintura branca descascando, do outro lado da rua. Forçou a vista para ler a placa por força do hábito. SEM JESUS, SEM PAZ. ENCONTRE JESUS, ENCONTRE A PAZ.

*E se você encontrou Jesus, mas não a paz? Quer dizer que a placa está errada ou que você não encontrou Jesus de verdade?* Dill não tinha sido criado para considerar nenhuma dessas opções.

Ele abriu a porta do carro e entrou. O ar-condicionado gelado fez seus poros se diminuírem.

— E aí, Lydia.

Ela tirou um exemplar velho de *A história secreta* do banco de passageiro antes de Dill se sentar, e jogou o livro no banco de trás.

— Desculpa pelo atraso.

— Você não está sendo sincera.

— É claro que não. Mas preciso fingir. Obrigações do pacto social e tal.

Dava para ajustar o relógio pelos vinte minutos de atraso de Lydia. E não adiantava tentar enganá-la pedindo para ela encontrar você vinte minutos antes do horário em que você realmente queria encontrá-la. Isso só a fazia se atrasar quarenta minutos. Ela tinha um sexto sentido.

Lydia se inclinou e abraçou Dill.

— Você já está todo suado e ainda é de manhã. Meninos são nojentos.

A armação preta dos óculos dela bateu no queixo de Dill. O cabelo rebelde e azul-cinzento de Lydia — da cor de um céu nublado de outono — cheirava a mel, figo e patchuli. Ele inspirou o cheiro. Deixava sua cabeça tonta, mas de um jeito bom. Ela vestia uma regata vermelha vintage quadriculada, shorts jeans pretos de cintura alta e botas de caubói, também vintage. Dill adorava o jeito como ela se vestia — todas as curvas, e eram muitas.

Dill prendeu o cinto de segurança um momento antes de a aceleração o jogar contra o banco.

— Desculpa. Não tenho como comprar um ar-condicionado que faça o verão parecer inverno. — Às vezes ele passava dias sem sentir um ar fresco como o do carro de Lydia, exceto quando abria a geladeira.

Ela aumentou um pouco a temperatura.

— Acho que meu carro deve combater o aquecimento global de todas as formas possíveis.

Dill virou uma das saídas de ar para o rosto.

— Já parou pra pensar como é estranho que a Terra esteja girando no vácuo negro do espaço, onde é, tipo, mil graus abaixo de zero, enquanto a gente está aqui suando?

— Sempre penso como é estranho que a Terra esteja girando no vácuo negro do espaço enquanto a gente está aqui, pensando em coisas bizarras.

— Então, aonde a gente vai lá em Nashville? Shopping Opry Mills ou o quê?

Lydia lançou um olhar feio para ele e se voltou para a pista. Estendeu a mão na direção dele, ainda olhando para a frente.

— Desculpa, pensei que a gente era melhor amigo desde o nono ano, mas acho que a gente nunca se conheceu. Lydia Blankenship. E você?

Dill aproveitou a oportunidade para pegar na mão dela.

— Dillard Early. Talvez você já tenha ouvido falar do meu pai, que tem o mesmo nome que eu.

Tinha sido um escândalo enorme em Forrestville, Tennessee, quando o pastor Early da Igreja Discípulos de Cristo dos Sinais da Fé foi parar na penitenciária estadual — e não pelos motivos que as pessoas imaginavam. Todo mundo achava que algum dia ele teria problemas pelas cerca de vinte e sete cascavéis e serpentes-cabeça-de-cobre que seus congregantes passavam de mão em mão todo domingo. Ninguém sabia exatamente que lei estavam infringindo, mas aquilo parecia ser contra alguma lei. E o Departamento de Vida Selvagem do Tennessee assumiu a custódia das cobras depois da prisão dele. Algumas achavam, ainda, que talvez ele agisse de forma ilícita quando induzia sua congregação a beber ácido de bateria e estricnina diluídos, outra das atividades prediletas do culto. Mas não, ele foi preso por um tipo diferente de veneno: pela posse de mais de cem imagens de menores em atividades sexuais.

Lydia inclinou a cabeça e estreitou os olhos.

— Dillard Early, hein? Esse nome me parece familiar. Mas, sim, vamos dirigir uma hora e meia até Nashville para ir ao Opry Mills e comprar os mesmos moletons de merda que Tyson Reed, Logan Walker, Hunter Henry, suas namoradas insuportáveis e todos aqueles amigos péssimos deles vão vestir no primeiro dia do último ano do ensino médio.

— Foi só uma pergunta...

Ela ergueu um dedo.

— Uma pergunta idiota.

— Uma pergunta idiota.

— Obrigada.

Dill observou as mãos de Lydia ao volante. Eram pequenas, com dedos longos e graciosos, unhas pintadas de vermelho e muitos anéis. O resto do corpo dela não era sem graça, mas os dedos eram

intensamente graciosos. Ele adorava vê-la dirigir. E digitar. E tudo que ela fazia com as mãos.

— Você ligou pro Travis pra dizer que a gente vai se atrasar?

— Eu liguei pra *você* pra dizer que ia me atrasar? — Ela fez uma curva em alta velocidade, cantando pneu.

— Não.

— Acha que ele vai ficar surpreso por eu estar atrasada?

— Nem um pouco.

O ar de agosto era como uma névoa de vapor. Dill conseguia ouvir o zumbido dos insetos, seja lá como se chamavam. Aqueles que faziam um barulho estridente nas manhãs escaldantes, avisando que o dia só ficaria ainda mais quente. Não cigarras, ele pensou. Bicho-guizo. Parece um nome melhor.

— Vou ter que me virar com quanto hoje? — Lydia perguntou. Dill a encarou, sem entender. Ela ergueu a mão e roçou um dedo no outro. — Qual é, amigo, me dá uma ajuda.

— Ah. Cinquenta. Consegue dar um jeito?

Ela bufou.

— É claro que consigo.

— Certo, mas sem me vestir de um jeito esquisito.

Lydia estendeu a mão para ele de novo — com mais força, como se fosse dar um golpe de caratê.

— Não, sério. A gente já se conhece? Como você se chama mesmo?

Dill pegou na mão dela de novo. Qualquer motivo servia.

— Você está mal-humorada hoje.

— Porque você não me dá moral. Podia ser só um pouquinho. Não muito, pra eu não ficar mal-acostumada.

— Nem pensar.

— Nos últimos dois anos de compras de roupas pra escola, já fiz você usar algo ridículo?

— Não. Quer dizer, ainda me enchem o saco, mas tenho certeza que isso aconteceria de qualquer forma, não importa a roupa que eu usasse.

— Aconteceria. Porque a gente vai pra escola com gente que não tem a mínima noção do que é ser estiloso. Tenho uma ideia pra você, inspirada no estilo americano rústico. Camisas meio Velho Oeste com botões perolados. Calça jeans. Clássico, masculino, linhas icônicas. Enquanto todo mundo na escola tenta desesperadamente fingir que não vive em Forrestville, vamos aceitar e assumir a nossa ruralidade sulista, numa veia entre Townes Van Zandt dos anos setenta e Ryan Adams na época do Whiskeytown.

— Você planejou isso. — Dill adorava a ideia de Lydia pensando nele, mesmo que apenas como um manequim.

— Você esperava menos que isso?

Dill inspirou a fragrância do carro. Aromatizante de baunilha misturado com batata frita, loção de jasmim-laranja-gengibre e maquiagem quente. Eles estavam quase na casa de Travis. Ele morava perto de Dill. Pararam num cruzamento; Lydia tirou uma selfie com o celular e o passou para Dill.

— Tira uma do seu ângulo.

— Tem certeza? Seus seguidores podem começar a achar que você tem amigos.

— Engraçadinho. Tira e deixa que eu me preocupo com isso.

Alguns quarteirões depois, pararam na casa dos Bohannon. Era branca e estava caindo aos pedaços, com um telhado de zinco gasto e madeiras empilhadas na entrada. O pai de Travis estava no caminho de cascalho que levava até a casa, pingando enquanto trocava as velas de ignição da caminhonete, que tinha o nome da empresa da família, Lenhas Bohannon, estampado na lateral. Ele lançou um olhar suado para Dill e Lydia, levou as mãos em concha até a boca e gritou:

— Travis, seus amigos chegaram!

Assim Lydia não tinha de buzinar.

— Papi Bohannon também parece de mau humor — Lydia disse.

— Pelo que o Travis conta, papi Bohannon sempre está de mau humor. Isso se chama escrotice gigante, e é incurável.

Um tempo se passou antes de Travis sair trotando. Arrastando os pés, talvez. Seja lá o que os ursos fazem. Todos os seus dois metros e 110 quilos. Seus cachinhos ruivos desgrenhados e sua barba ruiva e falha de adolescente ainda estavam molhados do banho. Ele estava usando o coturno preto de sempre, calça preta, e uma camisa preta larga abotoada até em cima. Em volta do pescoço, tinha um colar cafona com um dragão de estanho segurando uma bola de cristal roxa — uma lembrancinha do festival da Renascença. Sempre usava aquilo. Estava carregando um livro cheio de páginas dobradas da série Bloodfall, outra coisa que sempre carregava.

No meio do caminho até o carro, ele parou, ergueu um dedo, deu meia-volta e entrou correndo em casa de novo, quase tropeçando nos próprios pés. Lydia se inclinou, as mãos no volante, o observando.

— Ah, não. O cajado — ela murmurou. — Ele esqueceu o cajado.

Dill resmungou e bateu a mão na testa.

— Sim. O cajado.

— O cajado de carvalho — Lydia disse, imitando uma voz grandiosa e medieval.

— O cajado mágico dos reis e lordes e feiticeiros e... elfos ou sei lá o quê.

Travis reapareceu, segurando com suas mãos desajeitadas o cajado, cheio de símbolos e rostos entalhados. Seu pai ergueu os olhos com uma expressão aborrecida e voltou ao trabalho. Travis abriu a porta do carro.

— Oi, gente.

— O cajado? Sério? — Lydia perguntou.

— Sempre levo ele em viagens. Além disso, e se a gente precisar se defender? Nashville está perigosa.

— Claro — Lydia disse —, mas não por causa de ladrões com cajados. Eles têm revólveres hoje em dia. E revólver ganha de cajado em revólver-cajado-tesoura.

— Duvido muito que a gente entre numa briga de cajado em Nashville — Dill disse.

— Eu gosto dele. Me sinto bem com ele.

Lydia revirou os olhos e engatou a marcha.

— Que graça. Certo, meninos. Vamos lá. É a última vez que a gente vai fazer compras juntos para a volta às aulas, graças ao bom Deus.

E, com esse anúncio, Dill percebeu que o frio na barriga não iria embora tão cedo. Talvez nunca. O pior de tudo? Ele duvidava até se conseguiria fazer uma música boa com aquilo.

# 2

## Lydia

O horizonte de Nashville se estendia ao longe. Lydia gostava de Nashville. Vanderbilt estava na sua lista de universidades. Não no topo da lista, mas estava lá. Pensar em universidades a deixava de bom humor, assim como estar numa cidade grande. De modo geral, ela se sentia muito mais feliz do que na véspera da volta às aulas de qualquer outro ano letivo de sua vida. Mal conseguia imaginar como se sentiria na véspera da volta às aulas do ano seguinte — o primeiro na universidade.

Enquanto se aproximavam dos arredores de Nashville, Dill olhava pela janela. Lydia tinha dado a câmera para ele e o nomeado o fotógrafo da expedição, mas ele se esquecera de tirar as fotos. Ele estava com aquele ar distante de sempre e com a melancolia típica. Mas parecia diferente, de alguma forma. Lydia sabia que visitas a Nashville tinham dois lados para ele, por causa do pai, e ela tinha tentado propositalmente escolher um caminho diferente do que ele pegava para visitar o presídio. Ela tinha passado um bom tempo planejando no Google Maps, mas não adiantara. Não havia muitas possibilidades de trajeto de Forrestville para Nashville.

Talvez Dill estivesse observando as casas pelas quais passavam. Não parecia haver casas tão estreitas e malcuidadas como a dele nem nos bairros de Nashville em que existiam casas estreitas e mal-

cuidadas. Pelo menos, não no caminho que estavam fazendo. Talvez ele estivesse pensando na música que corria pelas veias da cidade. Ou, talvez, em outra coisa completamente diferente. Era sempre uma possibilidade quando se tratava de Dill.

— Ei — ela disse, com carinho.

Ele levou um susto e se virou.

— Ei o quê?

— Nada. Só ei. Você está tão quietinho.

— Não tenho muito o que falar. Só estou pensando.

Eles atravessaram o rio em direção à parte leste de Nashville e passaram por cafés e restaurantes até pararem num chalé rústico reformado. Uma placa pintada à mão na entrada dizia ATTIC. Lydia estacionou. Travis pegou o cajado.

Lydia ergueu um dedo em alerta.

— Não se atreva.

Eles entraram, mas não antes de ela mandar Dill tirar uma foto dela perto da placa e outra apoiada na grande varanda.

A loja cheirava a couro velho, lã e jeans. Um ar-condicionado zumbia, bombeando ar fresco com cheiro de mofo limpo. Fleetwood Mac tocava em alto-falantes escondidos. O piso de madeira rangia sob os pés dos três. Uma moça bonita de uns vinte anos com cabelo loiro-avermelhado e uma aparência boêmia estava sentada atrás de um balcão de vidro cheio de joias artesanais, observando concentrada a tela do notebook. Ela ergueu os olhos quando eles se aproximaram.

— Certo, adorei seu look. Você está muito gata, sério — ela disse para Lydia.

Lydia fez uma reverência.

— Obrigada, moça da loja. Você também está muito gata.

Lydia lançou um olhar para Dill que dizia “tente receber esse tipo de tratamento com os idiotas do shopping Opry Mills”.